

CURURU

Histórico

A cultura é a alma, a essência da maneira de viver de uma sociedade que se manifesta na dança, no canto, na poesia, no artesanato, isto é, hábitos, costumes e crenças religiosas. O matogrossense viveu por muito tempo de maneira bastante isolado do resto do país. Por isto, tem uma cultura bastante especial.

Nos últimos tempos, Mato Grosso recebeu quantidades enormes de imigrantes de todos os quadrantes do país. Para que nos matogrossenses não percamos a nossa identidade nesse confronto se torne essencial à preservação da nossa cultura, daquilo que nos identifique. Além da imigração existe ainda o ataque às culturas regionais interioranas pela mídia produzida a partir da identidade das sociedades litorâneas.

Um povo sem tradições vivas é um povo desenraizado, sem alegria. Um povo que não contempla a felicidade dentro de suas condições concretas. Quanto a nós cacerenses não podemos perder a nossa identidade, devemos aprender a nos orgulhar daquilo que é nosso, procurar manter viva as nossas tradições, apoiando, participando, aplaudindo e criticando positivamente.

As expressões da nossa cultura presentes no viver da comunidade passaram a ser mal-percebidas e até despercebidas, dando espaço para outras novas expressões vindas de fora, que chamam a atenção pela forma e conteúdo diferentes das nossas. O interesse da comunidade local pela cultura de outros estados cujos filhos passaram a eleger Cáceres para a sua nova morada. Deu-se o encontro de culturas, a comparação entre eles e a preferência muitas vezes pela estranhas, que se apresentava com roupagens mais ricas e atraentes. Surge então o órgão para estudo e resgate de toda a história e tradições de mais de dois séculos de existência de Mato Grosso, observando-se o interesse dos jovens de todos os níveis de escolaridade; liderada pelo Projeto Guatô da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – Campus de Cáceres.

As tradições de Mato Grosso são representadas através da dança, música e festividades religiosas, destacando-se dentre elas o Cururu, que nasceu da camada humilde e da região rural, retratando a sociedade típica formada pelos primeiros colonizadores do estado.

Também conhecida por Função ou Cururu, é uma dança formada em círculos, geralmente em homenagem a algum santo, executada ao som de uma ou mais violas de cocho acompanhada de um ou mais ganzás, segundo os relatos dos cururueiros João Ramos e seu pai, José de Jesus Ramos.

A viola de cocho possui divisões das palhetas repartidas de modo original, com as cordas feitas das tripas de ouriços, quatis ou macacos, e os ganzás são feitos do gomo de um bambu especial, entalhado transversalmente e no qual esfregam uma pequena baqueta ou haste apropriada para alcançar um som peculiar.

As violas são todas enfeitadas com fitas multicores, conforme a proporção da festa, e depois delas bem ponteadas ou temperadas, como dizem os cururueiros, inicia-se a dança,

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CÁCERES
PROJETO ARTE NO CAMPUS
GRUPO GUATÔ

geralmente em frente ao altar do santo festejado, descrevendo os dançantes com as violas de cocho e os ganzás, círculos incertos, voltando-se de instante a instante, um para o outro, e cantando na sua toada ao bom festeiro.

E depois de muito cantarem, na sua toada triste e sentimental que faz despertar a saudade de um passado distante, despreocupado e feliz, tão cheio de doces reminiscências, iniciam, quando a noite velha já vai bem adiantada, os debates, os desafios, mostrando cada um as suas aptidões poéticas repentistas que são muitas vezes de apreciado fundo filosófico e pensamentos populares.

O Cururu é uma dança religiosa, no qual todos os filhos do interior do Brasil conhecem. As toadas, é ainda o mesmo autor quem fala, profundamente melancólica dessas músicas e a dança fora adotada pelos jesuítas, com o profundo conhecimento que tinham do coração humano para as festas do Divino Espírito Santo, São Gonçalo, Santa Cruz, São João e Nossa Senhora do Carmo.

No Cururu, não se canta a terra, a colheita, a vaquejada. Não se cantam as questões sociais. Cantam-se principalmente fatos bíblicos, vidas dos santos. Segundo Câmara Cascudo, o Cururu é invenção jesuítica para efeitos catequéticos, dança respeitosa, mesurada, limpa de excitação sexual, essa linha de comportamento na dança continua até hoje.

O Cururu constitui um mundo fechado. Seus signos só são decifráveis para aquela comunidade que o envolve. É um ministério que mantém pela tradição ora, o ritual das verdades da fé crista, das comunidades rurais do interior, onde sempre foi escassa a assistência religiosa. É bela a simbologia guardada pelo Cururu: a Igreja e o Mastro bento. Entre eles, a terra Santa, onde Deus fez morada/e a hóstia consagrada. Os cururueiros são os ministros que executam em versos, o ritual da festa religiosa.

Iniciados e veteranos do Cururu estão por aí, nos seus cotidianos afazeres. Havendo um motivo – uma festa de santo – comunicam-se como rapidez entre si. É o chamamento da divindade. Sentem-se tocados daquela inspiração que lhes foi transmitida por seus maiores. Reúnem-se quando ouvem um cantador dizer assim:

*“Para mim cantá meu verso,
Eu ainda tenho por costume,
Em louvor da gloriosa,
É por isso que nos une.”*

A fé os une. Mas o cristão deve cultivar, também, a alegria. Coexistem corpo e alma na pessoa humana. O Cururu foi inspirado para dar aos pioneiros da terra o consolo da fé e, juntamente, momentos de prazer, mas dentro da ordem. Devoção e distração com respeito.

Diante do exposto, temos como principal interesse, resgatar as nossas raízes culturais estudá-las e fazê-las conhecida pela comunidade. O nosso trabalho começa na escola, buscando atrair a atenção dos estudantes de todos os níveis, para a valorização da história e tradição, e em especial para a memória.